

ESA - 29/7/1967

AF CAST 146.1.1.6
DCC. 1023

Joseph Szertics, TIEMPO Y VERBO EN EL ROMANCERO VIEJO. Madrid,
Editorial Gredos, 1967, 207 págs.

Já é considerável a bibliografia sobre a sintaxe do verbo, revelando preocupações e metodologia variadas. Há trabalhos descritivos como os de Holger Sten e Paul Imbs; há interpretações idealistas (Etienne Lorck, Manuel de Paiva Boléo, Louis Mourin) e estruturalistas (Jens Holt, Martín Sánchez Ruipérez, Knud Togeby, Arne Klum). Outros atacam as complicadas categorias do verbo -- o aspecto, o tempo e o modo -- tomando por ponto de partida os conceitos que encerram e não as formas que revestem (F. Brunot, William E. Bull, Klaus Heger). G. Guillaume baseou-se largamente no verbo para fazer avançar sua teoria sobre a "psicomecânica" da linguagem. Vêm, finalmente, os que sujeitam o verbo a uma abordagem estilística -- M. Criado de Val, Stephen Gilman e, já agora, o A. que resenhamos.

Esta casta de estudiosos costuma considerar o lado expressivo dos tempos e dos modos. Surgem, assim, temas como: o caráter popular do presente histórico; que tempos predominam na narração e no diálogo? uso do mais-que-perfeito do indicativo para caracterizar uma personagem pedante; emprêgo dos tempos históricos para conferir vivacidade maior ao texto. Tem-se também traçado paralelos entre a natureza da obra literária e o tempo que se mostrou mais freqüente. Outros procedem a identificações de autoria por meio da análise estilística (v., a êsse respeito, M. Criado de Val - "Sintaxis del verbo español moderno" e "Análisis verbal del estilo").

O presente livro compõe-se das seguintes partes: Introdução, O presente histórico e o pretérito indefinido, O presente

fatos, submerge-nos o imperfeito no passado, representando-o com vivacidade maior. Estas conotações psicológicas que o impregnam fizeram sua fortuna tão logo a novela psicológica se tornou vitoriosa. E é precisamente na evolução da técnica novelística que o A. vai buscar as razões da hipertrofia do emprêgo do imperfeito na ficção contemporânea (p. 104).

No estudo sôbre o mais-que-perfeito (cap. VI) mostra como esse tempo bem pode ser considerado mera variante estilística do pretérito, pois nem sempre indica anterioridade. No espanhol moderno, ademais, o mais-que-perfeito perdeu o valor que ainda conserva no português, sendo comumente empregado como um subjuntivo.

Esse tempo é retomado adiante, para comparar seu uso com o do pretérito anterior: ambos indicam ação anterior a outra ação passada; ambos podem funcionar como variantes estilísticas do pretérito (pág. 174); ambos concorrem para uma "aceleração da narração".

Nas conclusões, reporta-se o A. ainda uma vez ao problema das alternâncias, comparando as possibilidades dos romanceiros antigos espanhóis à Chanson de Roland, e resumindo-as em duas possibilidades fundamentais: 1) articulação do presente e do imperfeito com os tempos que indicam ação acabada, e 2) articulação destes tempos entre si. As diferentes possibilidades correspondem à necessidade de apressar ou demorar a exposição. Também as intenções descritivas ~~que~~ regulam essas alternâncias: "o jogral quer, por exemplo, concentrar a lente nos cavaleiros que lutam um contra o outro, ou num só que se defende de muitos: vale-se do imperfeito. Se, ao contrário, deseja apresentar um quadro geral e animado da luta, serve-se do presente. Afinal, se pretende descrever rapidamente como acabou o combate, então usa uma mistura de vários tempos" (pág. 194). A documentação destas razões por meio de relações estatísticas ^{menudo} valorizaria ~~bastantemente~~ o trabalho.